



Marcos Corrêa/PR

A política na semana

> Prestes a completar 100 dias de governo, Jair Bolsonaro recua e dá sinais de abertura para fazer uma política que se traduza em apoio à Nova Previdência no Congresso

Pedidos de desculpas e abraços selaram o que parece ser uma trégua no embate que o presidente Jair Bolsonaro vinha sustentando entre a chamada velha e a nova política. Ao fim de duas semanas de tensão e expectativa é possível contabilizar avanços na articulação política do governo, mas os tons de desconfiança ainda são perceptíveis no clima de Brasília.

A administração Bolsonaro completa cem dias na próxima quarta-feira (10 de abril) marcada por crises e apresentando pontos altos, como a robusta reforma da Previdência enviada ao Congresso, e momentos difíceis como os desentendimentos com o Legislativo. O presidente governa calcado nas premissas que nortearam a campanha, responde de forma quase instantânea às pressões de apoiadores nas redes sociais e buscou manter o quanto pode distância em relação à política. Essa postura foi o motivo principal do agastamento entre os poderes. Perto de completar um trimestre de poucos resultados e diante da ausência de diálogo, Bolsonaro mandou de Israel, onde estava em viagem oficial, os sinais de algo seria feito para melhorar a relação com o Congresso. Isso não foi suficiente para evitar

que o ministro da Economia, Paulo Guedes, fosse atacado por cerca de 6 horas na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, por uma oposição que conseguiu se organizar melhor e sem o amparo mínimo de apoiadores do governo. O comum seria que o líder do governo na Câmara, Major Vitor Hugo (PSL-GO) acordasse com o presidente da comissão e com representantes da oposição que o debate fosse intercalado. Não houve essa conversa e os ataques se seguiram por algumas horas, até que alguns deputados apoiadores da Nova Previdência começaram a falar no microfone. A sessão foi encerrada devido a um episódio lamentável protagonizado pelo deputado Zeca Dirceu, do PT, que chamou o ministro de "tchutchuca". Guedes reagiu e não foi mais possível conter o caos. Fim da sessão. A desorganização reinante entre os que apoiam o governo deve render a substituição do líder do governo na Casa. Para essa posição, como para outras, faltam nomes experientes.

Como era esperado, o mercado financeiro reagiu mal aos momentos de embate entre Guedes e deputados, diante da lógica de gangorra que dominou o comportamento do governo nos cem



Relatório elaborado pela equipe XP Política

CCJ

Aprovação em Abril

Comissão Especial

Maio/Junho

1º turno em Plenário

Julho (otimista)

primeiros dias. A reação de Bolsonaro veio em forma de uma série de reuniões agendadas com presidentes de legendas e líderes partidários do centrão e de centro-direita. As siglas (DEM, MDB, PSD, PP, PRB e PSDB) fazem parte do grupo a que Bolsonaro se referia, até há poucos dias, como "velha política. O movimento fez a primeira semana de abril representar uma melhora no clima político em Brasília e, especialmente para Bolsonaro, um alívio na relação do Congresso com o Executivo.

O gesto de Bolsonaro de receber os caciques políticos no Palácio do Planalto significou um viés de melhora para a aprovação da reforma da Previdência e para a formação de uma base de apoio ao governo no Congresso, além do alívio da tensão das últimas semanas. Bolsonaro demonstrou aos parlamentares empenho genuíno de aprovar a Nova Previdência e disposição para focar a pauta do governo na recuperação econômica. Se mantida, essa postura dá conforto aos parlamentares para defenderem nas suas bases medidas duas da reforma proposta pelo governo. Os parlamentares cobraram a divisão desse "passivo eleitoral" da aprovação de uma PEC impopular e também mais participação no orçamento. Os deputados querem levar investimento aos redutos eleitorais e movimentar a economia local.

A ideia do governo de criar conselhos políticos com líderes e presidentes de partidos para alinhar a pauta governista foi vista com ceticismo. Políticos experientes avaliam esse tipo de fórum amplo como pouco produtivo e ineficaz como substituto do contato no varejo. Um dos partidos chegou a sugerir firmar um compromisso público de agenda com o governo e pautar a relação por isso. Os próximos passos de Bolsonaro e do ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, são fundamentais. É justamente o receio de dirigentes partidá-

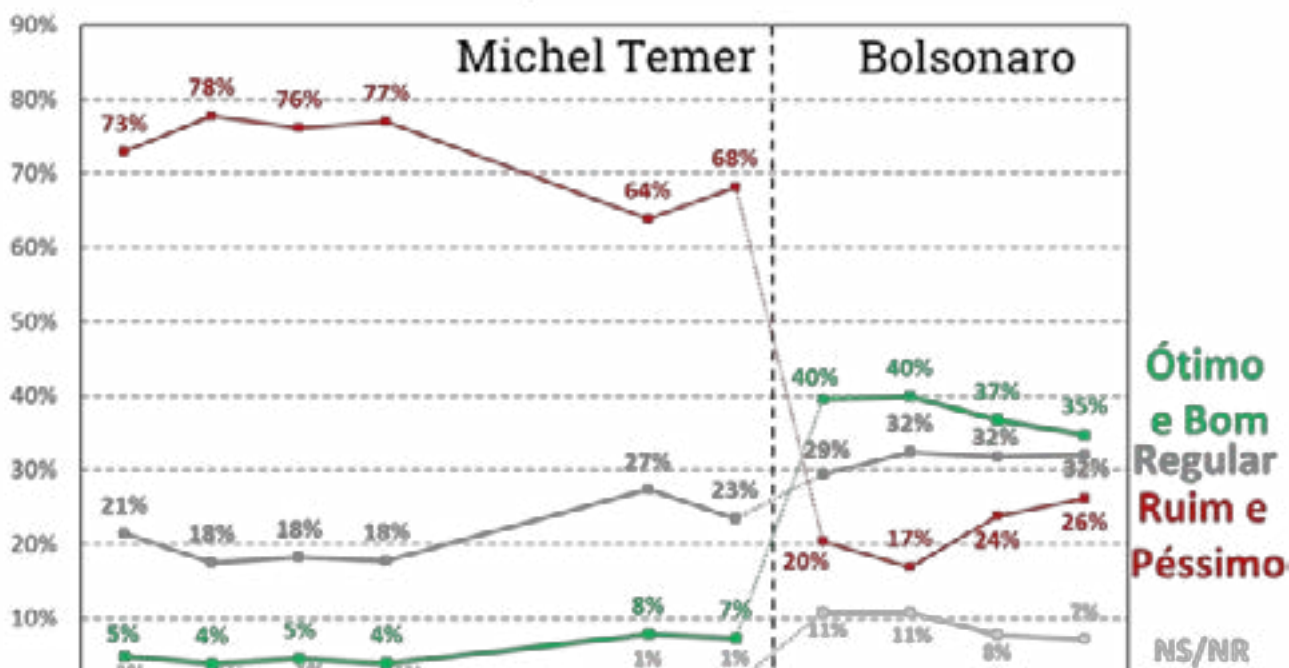
rio sobre como será organizada a relação que impediu legendas tradicionais de se interessarem por cargos no governo, por exemplo. Há falta de disposição dos dois lados para o "toma lá, dá cá". O importante agora é o quê será colocado no lugar disso e como fazer.

Na próxima semana, começa a fase decisiva para a reforma da Previdência. Bolsonaro receberá dirigentes de mais seis partidos (Podemos, Solidariedade, Novo, PSL, Avante e PR). Enquanto isso, o deputado Marcelo Freitas (PSL-MG) apresenta o relatório na CCJ. Isso significa que a aprovação da constitucionalidade total da PEC até o dia 17 de abril se torna uma realidade concreta.

A Nova Previdência, porém, sofre com risco cada vez maior de desidratações que, por vezes, recebem estímulo do próprio governo. Bolsonaro declarou ser difícil a aprovação de um regime de capitalização da Previdência, como queria Paulo Guedes. O presidente também afirmou que a reforma boa é aquela que tem chances de ser aprovada. O sinal é de há espaço de barganha para o centrão aderir à proposta.

A tendência ao otimismo ganhou força. Mas é preciso ainda dose considerável de cautela, diante das dificuldades que o Planalto enfrentará nas semanas em que a Nova Previdência estiver na Comissão Especial da Câmara, onde se dará a verdadeira batalha política. Por mais que haja um clima positivo para a aprovação, a diferença é brutal entre aprovar um texto que garanta uma economia de mais de R\$ 1 trilhão e outro com economia de R\$ 400 bilhões. Deputados experientes alertam para que o discurso de otimismo não contamine os esforços do governo e tirem-no do foco de garantir com a Nova Previdência a maior economia possível.

Avaliação do Governo



Pesquisa XP com a população

Nesta semana, divulgamos a sexta pesquisa da série XP Ipespe, que buscou aferir a avaliação do governo e do Congresso, além das opiniões sobre a reforma da Previdência e a relação do presidente Jair Bolsonaro com a política. Entre os destaques estão a tendência descendente na avaliação da população sobre o governo Jair Bolsonaro. Perto de completar o marco de cem dias de gestão, o percentual dos entrevistados que consideram o **governo bom ou ótimo oscilou (dentro da margem de erro) de 37% para 35%**. Enquanto, os que consideram a **administração ruim ou péssima subiram de 24% para 26%**. Ficaram mantidos os mesmos 32% que no mês passado avaliavam o governo como regular.

A avaliação é de que ainda não é possível observar uma queda alarmante, mas é consistente o indício de que a lua de mel entre o presidente recém-eleito e a população não deve durar muito mais tempo. Nesse sentido, a pesquisa identificou também queda de quatro pontos percentuais (de 54% para 50%) no grupo que espera que o restante do mandato de Bolsonaro seja ótimo e bom. Os entrevistados com expectativa de que o resto de mandato seja ruim ou péssimo saíram de 20% para

23%. Foram feitas 1.000 entrevistas nos dias 1, 2 e 3 de abril. A margem de erro é de 3,2 pontos percentuais.

O presidente Bolsonaro comemorou, em discurso no Palácio do Planalto, o fato de que 62% dos entrevistados na pesquisa XP concordam que seu governo representa a nova política. O dado corrobora o discurso da campanha, na qual ele se opôs fortemente à política tradicional. No entanto, a pesquisa revela que parte da população reconhece também a necessidade de articulação política: 81% dos entrevistados classificaram como importante ou muito importante a relação entre o presidente da República e o presidente da Câmara, Rodrigo Maia. Essa tendência fica ainda mais clara quando o questionamento é sobre como Bolsonaro deve se relacionar com deputados e senadores. As respostas se dividiram em 33% dos entrevistados a favor de que o presidente endureça suas posições e seu discurso sobre o Congresso, ainda que isso signifique dificuldades na relação com os parlamentares; e outros 37% defendem a flexibilização do discurso do governo, ainda que isso signifique se afastar do que foi defendido durante a campanha. Para ler a pesquisa completa clique [aqui](#).

- 1) Este relatório foi preparado pela XP Investimentos CCTVM S.A. ("XP Investimentos") e não deve ser considerado um relatório de análise para os fins do artigo 1º da Instrução CVM nº 483, de 6 de julho de 2010.
- 2) Este relatório tem como objetivo único fornecer informações macroeconômicas e análises políticas, e não constitui e nem deve ser interpretado como sendo uma oferta de compra/venda ou como uma solicitação de uma oferta de compra/venda de qualquer instrumento financeiro, ou de participação em uma determinada estratégia de negócios em qualquer jurisdição. As informações contidas neste relatório foram consideradas razoáveis na data em que ele foi divulgado e foram obtidas de fontes públicas consideradas confiáveis. A XP Investimentos não dá nenhuma segurança ou garantia, seja de forma expressa ou implícita, sobre a integridade, confiabilidade ou exatidão dessas informações. Este relatório também não tem a intenção de ser uma relação completa ou resumida dos mercados ou desdobramentos nele abordados. As opiniões, estimativas e projeções expressas neste relatório refletem a opinião atual do responsável pelo conteúdo deste relatório na data de sua divulgação e estão, portanto, sujeitas a alterações sem aviso prévio. A XP Investimentos não tem obrigação de atualizar, modificar ou alterar este relatório e de informar o leitor.
- 3) O responsável pela elaboração deste relatório certifica que as opiniões expressas nele refletem, de forma precisa, única e exclusiva, suas visões e opiniões pessoais, e foram produzidas de forma independente e autônoma, inclusive em relação a XP Investimentos.
- 4) Este relatório é destinado à circulação exclusiva para a rede de relacionamento da XP Investimentos, incluindo agentes autônomos da XP e clientes da XP, podendo também ser divulgado no site da XP. Fica proibida a sua reprodução ou redistribuição para qualquer pessoa, no todo ou em parte, qualquer que seja o propósito, sem o prévio consentimento expresso da XP Investimentos.
- 5) A XP Investimentos não se responsabiliza por decisões de investimentos que venham a ser tomadas com base nas informações divulgadas e se exime de qualquer responsabilidade por quaisquer prejuízos, diretos ou indiretos, que venham a decorrer da utilização deste material ou seu conteúdo.
- 6) A Ouvidoria da XP Investimentos tem a missão de servir de canal de contato sempre que os clientes que não se sentirem satisfeitos com as soluções dadas pela empresa aos seus problemas. O contato pode ser realizado por meio do telefone: 0800 722 3710.
- 7) Para maiores informações sobre produtos, tabelas de custos operacionais e política de cobrança, favor acessar o nosso site: www.xpi.com.br.